

Transgressão, desvio e droga

Carlo Buzzi

IARD

Tradução de Nilson Moulin

*Publicado em: CAVALLI, Alessandro e LILLO, Antonio (orgs). *Giovani anni 90. Bologna: Il Mulino, 1993. Cap. VII.**

Premissa

A população juvenil sempre se caracterizou por uma propensão transgressiva maior em relação às normas morais e legais da sociedade, mas foi nos últimos anos que o distanciamento entre gerações parece ter aumentado. Nas pesquisas anteriores do IARD, de 1983 e 1987, tal fenômeno se confirmou pontualmente: em muitos campos de vivência social, a orientação ética dos jovens mostrava uma certa distância de tudo aquilo que era partilhado e considerado legítimo pelo mundo adulto. É óbvio que o processo de evolução social, que comporta mudanças nos costumes e na moral, faz também com que a validade dos afastamentos das normas codificadas mude e se transforme com o passar do tempo. Todavia os modos e as formas com que se manifestava a transgressividade entre as novas gerações pareciam bastante estáveis durante a década de 80, dando a entender que o inconformismo perante os valores e as normas dominantes podia ser considerado um aspecto fisiológico da condição juvenil.

Em tempos mais recentes, as tendências de crise, manifestas ou latentes, que surgiram sempre mais numerosas no contexto nacional, sem dúvida enfraqueceram o sentido da legitimidade. Isso provocou, como veremos difusamente mais adiante, um relaxamento dos princípios éticos na população juvenil e talvez não só nela. É sob esta luz que provavelmente deva ser lido o aumento da propensão transgressiva registrada no início dos anos 90.

A respeito desta problemática, no questionário aos jovens entrevistados foi proposta, em analogia com as pesquisas anteriores do IARD, uma lista de 18 comportamentos¹. Para cada um deles foi pedido: a) se o consideravam socialmente criticado; b) se, em sua avaliação pessoal, o consideravam admissível; c) se lhes seria possível colocá-lo em prática.

¹ Dos dezoitos comportamentos utilizados na terceira pesquisa do IARD, catorze já estavam presentes também nas duas primeiras; em dois comportamentos só foi possível sua confrontação na primeira pesquisa; outros dois foram inseridos no questionário pela primeira vez.

As respostas à primeira pergunta exprimem a percepção dos jovens sobre o juízo dado pela sociedade; aquelas da segunda pergunta exprimem a avaliação de admissibilidade dos próprios jovens; as da terceira exprimem, embora de modo indireto, a tendência dos jovens para assumir comportamentos considerados potencial ou explicitamente transgressivos.

A percepção das normas sociais

A análise comparada do *trend* evolutivo dos modos com que os jovens percebem as normas sociais mostra alguns afastamentos de certa importância. No conjunto, permanece a convicção de que os comportamentos propostos, em geral, sejam mais criticados que tolerados pela sociedade, mas a intensidade de tais convicções tende a diminuir sensivelmente em alguns âmbitos ético-normativos específicos.

É o caso, por exemplo, da área das relações sexuais e conjugais. Os jovens dos anos 90 identificam maior permissividade social para as relações pré-matrimoniais, para a convivência e para o divórcio; o primeiro comportamento, em especial, encontra uma significativa maioria dos jovens (três quintos) disposto a considerá-lo hoje aceito socialmente, fenômeno novo, pois nas pesquisas anteriores aqueles que não o consideravam criticado não ia além da metade dos entrevistados.

Estes resultados mostram como os jovens estão captando algumas transformações em curso no país. O enfraquecimento progressivo das normas e dos vínculos sociais ligados à esfera da sexualidade, que parece cada vez mais pertencer ao livre arbítrio do indivíduo singular e cada vez menos objeto de controle social, é um fenômeno que o confronto entre as três revelações do IARD permite pôr em evidência. Todavia, neste contexto, duas são as

Tabela 1

Variações no tempo da percepção das normas sociais. Percentagem dos que consideram criticados pela sociedade os diversos comportamentos, segundo o ano do levantamento (idade: 15-24 anos)

	1983	1987	1992
<i>Área das relações econômicas</i>			
Não pagar o transporte público	79,5	74,6	64,6
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	77,6	72,8	67,1
Pegar objetos numa loja sem pagar	91,8	91,9	90,2
Falsificar a declaração de renda	74,3	72,3	70,8
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>			
Divorciar-se	65,0	66,0	62,1
Ter relações sexuais sem ser casados	52,4	50,0	40,9
Ter experiências homossexuais	88,2	91,6	91,5
Morar junto sem ser casados	63,8	61,7	57,2
Ter relação com uma pessoa casada	82,4	82,1	81,8
<i>Área do consumo de drogas</i>			
Embriagar-se	78,6	78,5	77,5
Fumar maconha ocasionalmente	90,1	91,1	88,7
Usar drogas pesadas (heroína)	95,2	96,1	97,5
<i>Área da vida humana</i>			
Suicidar-se	84,2	–	83,4
Abortar	72,1	75,4	78,8
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	–	–	30,3
<i>Área da violência e do vandalismo</i>			
Brigar para impor opiniões pessoais	66,6	70,4	67,2
Brigar contra torcedores de outro time	–	–	90,7
Danificar bens públicos	–	90,1	88,8

exceções, aliás bastante significativas: a homossexualidade, que ainda mantém todas as características do tabu social e as relações extra-conjugais, comportamentos que pressupõem a não sinceridade nas relações internas da família. Em ambos os casos, o estigma social é percebido pela grande maioria dos jovens.

Um segundo âmbito no qual é possível notar a atenuação da constrição das regras sociais é constituído pelos comportamentos ligados às relações econômicas. Assim os entrevistados parecem um pouco mais propensos a considerar tolerável viajar num transporte público sem pagar a passagem ou faltar ao trabalho sem motivo válido ou enganar o fisco.

Também neste caso os jovens parecem receber da sociedade algumas práticas comportamentais que desvalorizaram pesadamente o sentido do dever cívico por parte do cidadão.

Ao contrário, continua substancialmente estável no tempo o modo de entender a moral social no que concerne ao uso de substâncias psicotrópicas, ao recurso à violência e à esfera da tutela da vida humana. Neste último campo, encontramos o único comportamento que denota um incremento notável de intolerância captada: abortar, aos olhos dos jovens, parece cada vez mais uma opção socialmente criticada (tabela 1).

As normas individuais

Deslocando a análise da moral social para a pessoal, o quadro abrangente muda sensivelmente. Baseando-nos nas declarações de aceitação relativas aos comportamentos propostos, os dados da última pesquisa do IARD, conforme o das pesquisas anteriores, mostram uma forte propensão juvenil a se considerar pessoalmente mais tolerantes do que a sociedade em que vivem. Mas é um fenómeno que se manifesta em termos de intensidade permissiva mais que de qualidade, no sentido de que os comportamentos com maior punição social, bem como os mais aceites, encontram também um confronto no mesmo sentido por parte da moral juvenil.

A aceitação máxima é atribuída aos comportamentos da esfera sexual; o *trend* está em alta e, no início da década de 90, os jovens que não consideraram aceitáveis no plano ético as relações pré-matrimoniais ou o divórcio ou então morar juntos, constituem uma minoria. Emerge, em tal contexto, também uma tolerância maior em relação ao homossexualismo.

Da mesma forma, os comportamentos ligados à área econômica mostram uma tendência a uma avaliação cada vez menos rígida. Transparece implicitamente um certo relaxamento da moral relacionada com os deveres cívicos.

Assim, muitos são os comportamentos pelos quais se concretiza entre os jovens um menor rigor em relação ao passado. Todavia existem 3 exceções relevantes: convém notar como, tanto as relações extra-conjugais quanto o aborto e os comportamentos violentos aparecem com redução progressiva no que concerne à aceitação (tabela 2).

O quadro geral que emerge revela um cruzamento heterogêneo de fatores que interagem e tornam complexa a relação entre moral comum e moral juvenil. Para entender melhor sua lógica é útil o confronto entre normas sociais e códigos morais pessoais.

A transgressão das normas submetidas à regulação dos comportamentos privados encontra os jovens altamente tolerantes, muito mais do que eles percebem que a sociedade o seja. Sob tal ótica a liberdade sexual, a convivência, o divórcio, são avaliados como opções praticadas por indivíduos conscientes, plenamente legitimados para realizá-las.

Ao contrário, o que não se tolera é quando a transgressão viola os direitos do outro. É o caso dos comportamentos violentos, em relação aos quais a recusa dos jovens é maior do que aquela que se difunde na sociedade. Neste contexto, também encontra espaço crescente o rechaço à infidelidade conjugal e ao aborto, embora os jovens permaneçam em relação a ambos muito mais permissivos do que consideram ser o mundo dos adultos.

São as normas instituídas para a convivência social que vão encontrar jovens e sociedade numa

Tabela 2
Variação no tempo das regras de conduta individuais. Percentagem daqueles que consideram admissíveis os diversos comportamentos por ano de levantamento (idade: 15-24 anos)

	1983	1987	1992
<i>Área das relações econômicas</i>			
Não pagar o transporte público	26,3	25,5	35,1
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	28,6	32,2	38,5
Pegar objetos numa loja sem pagar	10,9	9,3	9,3
Falsificar a declaração de renda	24,9	28,7	28,3
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>			
Divorciar-se	73,8	74,1	78,6
Ter relações sexuais sem ser casados	79,9	79,8	84,9
Ter experiências homossexuais	36,7	30,9	40,8
Morar junto sem ser casados	76,2	79,0	77,9
Ter relação com uma pessoa casada	53,0	49,3	48,0
<i>Área do consumo de drogas</i>			
Embriagar-se	49,8	49,6	49,2
Fumar maconha ocasionalmente	26,9	20,8	27,6
Usar drogas pesadas (heroína)	8,8	6,7	7,7
<i>Área da vida humana</i>			
Suicidar-se	21,8	–	18,6
Abortar	57,6	51,8	47,5
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	–	–	55,7
<i>Área da violência e do vandalismo</i>			
Brigar para impor opiniões pessoais	35,7	33,7	31,6
Brigar contra torcedores de outro time	–	–	7,0
Danificar bens públicos	–	6,2	3,6

sintonia singular. Só o furto é estigmatizado amplamente: as demais transgressões, incluindo a evasão fiscal, cada vez mais parecem fazer parte daquela área de admissibilidade que associa setores consideráveis das velhas e novas gerações.

A propensão a transgredir

As tendências transgressivas dos jovens foram analisadas com a pergunta sobre a possibilidade de pôr em prática os vários comportamentos propostos. Como as modalidades de resposta eram “sim”, “não”, “não sei”, interpretamos as afirmações positivas como tendências evidentes para a violação normativa, as negativas como introjeção plena e aceitação da norma e o “não sei” como instabilidade do código moral. Em outras palavras, a incerteza pode significar que, mesmo tendo consciência

de praticar um ato sujeito a reprovação social, a situação contingente poderia induzir à transgressão. Por isso juntamos os “sim” com os “não sei”, considerando-os como expressão de uma potencial propensão transgressiva.

Aqui os dados mostram maior estabilidade no tempo com relação aos outros dois planos de análise. Os comportamentos que denotam um aumento significativo da possibilidade de transgredir as normas sociais são apenas três: viajar num meio público sem pagar (de 83 a 92 o afastamento é de 8% a mais), faltar ao trabalho com desculpa de doença (+ 7%), ter relações sexuais sem ser casados (+ 5%) (tabela 4).

No conjunto, tudo o que se afirmou anteriormente sobre os critérios de aceitação “teórica” é reiterado também com referência à possibilidade prática de transgredir. Tudo o que concerne à es-

Tabela 3
Coerência entre normas sociais e individuais. Percentagem dos que consideram os comportamentos criticados e não admissíveis segundo o sexo e a idade

	M	F	M	F	M	F	M	F	Tot.
	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	
	anos								
<i>Área das relações econômicas</i>									
Não pagar o transporte público	37,6	43,5	46,9	46,6	44,3	50,7	50,9	59,0	48,2
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	48,1	37,3	50,8	42,9	54,0	44,9	58,8	57,3	50,3
Pegar objetos numa loja sem pagar	75,2	82,8	84,6	85,9	79,8	87,1	84,0	87,3	83,6
Falsificar a declaração de renda	59,4	58,9	55,9	60,1	48,5	52,2	50,5	54,8	54,3
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>									
Divorciar-se	20,5	12,1	21,4	14,3	16,7	13,5	14,4	15,2	15,8
Ter relações sexuais sem ser casados	9,2	16,4	9,0	15,0	4,7	11,0	4,0	13,7	9,8
Ter experiências homossexuais	66,4	52,4	63,2	49,6	58,0	45,8	53,1	48,3	53,9
Morar junto sem ser casados	11,2	21,9	16,9	18,1	15,8	17,4	10,8	20,2	16,3
Ter relação com uma pessoa casada	44,4	55,4	45,5	52,0	32,2	47,3	34,2	48,9	43,9
<i>Área do consumo de drogas</i>									
Embriagar-se	40,1	46,1	42,6	50,8	37,4	43,8	33,2	46,2	41,9
Fumar maconha ocasionalmente	68,6	68,8	66,8	69,2	55,1	69,3	60,3	67,2	65,0
Usar drogas pesadas (heroína)	89,3	88,8	89,4	91,5	88,4	92,3	90,1	91,2	90,2
<i>Área da vida humana</i>									
Suicidar-se	69,3	68,4	71,6	74,7	72,6	69,2	67,3	67,8	69,9
Abortar	45,8	44,2	49,8	41,6	41,4	40,9	36,0	41,5	42,0
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	16,2	16,7	15,3	16,3	17,5	18,1	13,5	18,9	16,6
<i>Área da violência e do vandalismo</i>									
Brigar para impor opiniões pessoais	40,7	47,2	52,8	54,7	53,5	54,9	56,7	59,9	53,4
Brigar contra torcedores de outro time	86,0	84,1	85,8	86,2	87,8	84,6	89,1	86,5	86,5
Danificar bens públicos	85,5	82,8	88,2	84,7	88,4	86,3	86,9	87,6	86,5

fera privada do indivíduo está amplamente aberto a escolhas que não colocam sérios dilemas morais, a tal ponto que teríamos dificuldades, por exemplo, para definir as relações pré-matrimoniais como violação de uma norma social (apenas 1 jovem sobre 6 exclui categoricamente a eventualidade, assim como só 1 sobre 4 garante que nunca se divorciará e 1 sobre 3 que não vai conviver sem ser casado).

Desrespeitar as normas que regulam a vida dos indivíduos na esfera pública, que vimos ser considerado admissível por uma minoria significativa de jovens, parece envolver na prática uma cota bem mais ampla, em alguns casos superior à metade dos entrevistados. Isso remete ao problema da coerência entre códigos éticos e comportamentos de fato.

O confronto entre os dois níveis mostra como apenas poucas transgressões encontram os jovens unanimemente coerentes ao recusá-las no plano moral e no de uma hipotética realização concreta. São aqueles comportamentos que poderíamos definir explicitamente “desviantes”. Por ordem: os atos de vandalismo, o consumo de drogas pesadas, a violência desportiva, o roubo. Todo o restante parece mais controverso. Em geral, a coerência aumenta com a idade e as moças são mais coerentes que os rapazes, conforme a pesquisa de 87 já havia evidenciado. Entre os subgrupos da amostragem separados por sexo e por idade, destaca-se o dos adolescentes masculinos (15-17 anos); neles a presença de tensões quanto aos comportamentos que implicam

Tabela 4

Variações no tempo das atitudes de “não exclusão” da possibilidade de transgredir as normas sociais. Percentagem daqueles que consideram possíveis os diversos comportamentos, o que não exclui a possibilidade de praticá-los, por ano de levantamento (idade: 15-24 anos)

	1983	1987	1992
<i>Área das relações econômicas</i>			
Não pagar o transporte público	53,9	54,6	62,1
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	49,1	50,5	55,9
Pegar objetos numa loja sem pagar	14,9	12,8	12,7
Falsificar a declaração de renda	42,5	40,4	37,8
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>			
Divorciar-se	72,3	70,1	72,8
Ter relações sexuais sem ser casados	79,6	79,6	84,3
Ter experiências homossexuais	10,8	5,2	4,4
Morar junto sem ser casados	64,6	64,9	65,8
Ter relação com uma pessoa casada	56,1	49,6	49,8
<i>Área do consumo de drogas</i>			
Embriagar-se	51,0	49,3	48,7
Fumar maconha ocasionalmente	18,4	14,6	19,1
Usar drogas pesadas (heroína)	5,7	3,8	3,3
<i>Área da vida humana</i>			
Suicidar-se	13,9	–	10,7
Abortar	42,9	42,0	40,4
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	–	–	48,2
<i>Área da violência e do vandalismo</i>			
Brigar para impor opiniões pessoais	44,6	43,7	40,1
Brigar contra torcedores de outro time	–	–	11,6
Danificar bens públicos	–	10,1	7,7

vandalismo e violência é notoriamente mais forte (tabela 5).

No conjunto, muitos jovens parecem possuidores de instâncias morais e de propensão à ação que se diferenciam, em diversos níveis, daquelas que são as expectativas captadas do mundo adulto. Portanto, estabelecemos o objetivo de identificar, na ampla variedade de atitudes juvenis, uma tipologia que reagrupasse os entrevistados ao redor de modalidades homogêneas de orientação geral em relação ao comportamento transgressivo.

Por meio de uma série de *cluster analysis* a solução mais simples e convincente pôs em evidência 4 grupos de jovens que refletem igual número de modos típicos de relacionar-se com a eventualidade de incorrer em comportamentos socialmente reprováveis (figura 1).

Figura 1
Tipologia da propensão à transgressão

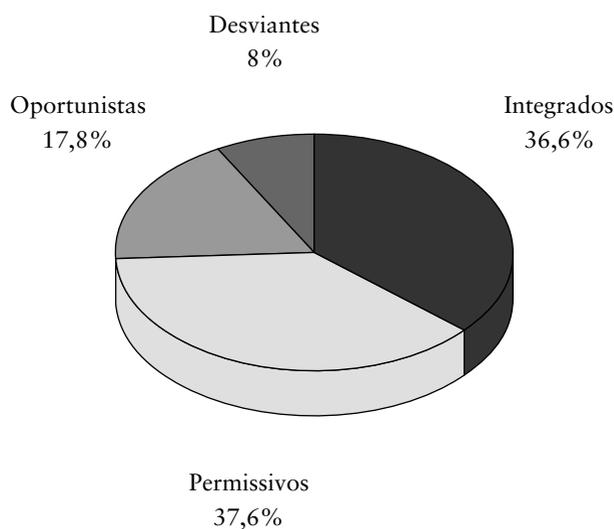


Tabela 5
Coerência entre normas individuais e comportamento. Percentagens dos que consideram não admissíveis nem praticáveis os diversos comportamentos segundo o sexo e a idade

	M	F	M	F	M	F	M	F	Tot.
	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	15-17	
	anos								
<i>Área das relações econômicas</i>									
Não pagar o transporte público	19,9	32,3	30,7	35,6	33,1	42,4	42,0	54,0	37,7
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	30,4	25,8	43,3	36,7	46,6	42,5	60,0	58,3	45,0
Pegar objetos numa loja sem pagar	73,0	85,1	80,9	87,9	81,3	87,3	85,2	90,1	84,3
Falsificar a declaração de renda	51,0	62,1	55,7	59,3	44,6	58,3	57,1	63,8	56,4
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>									
Divorciar-se	15,1	15,0	16,4	11,8	15,0	13,8	11,4	14,8	14,0
Ter relações sexuais sem ser casados	10,0	19,8	5,3	14,2	3,9	11,2	5,0	14,3	10,0
Ter experiências homossexuais	69,6	56,9	63,8	53,7	61,7	48,2	54,0	49,6	56,4
Morar junto sem ser casados	12,4	26,0	19,3	22,6	15,7	22,0	13,3	25,4	19,4
Ter relação com uma pessoa casada	30,4	54,7	33,9	46,8	23,9	45,9	27,3	49,2	38,3
<i>Área do consumo de drogas</i>									
Embriagar-se	28,0	44,9	31,0	46,5	30,5	42,9	27,7	47,9	37,2
Fumar maconha ocasionalmente	66,4	73,7	64,9	71,4	57,3	73,5	62,3	70,2	66,9
Usar drogas pesadas (heroína)	86,7	91,0	91,4	92,7	87,0	92,3	90,9	92,6	90,6
<i>Área da vida humana</i>									
Suicidar-se	74,9	74,2	79,1	77,8	79,4	75,5	77,2	74,1	76,6
Abortar	43,5	50,2	53,5	41,9	42,4	44,2	36,7	42,3	43,6
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	20,8	43,4	20,1	48,4	27,5	44,0	25,4	42,5	34,0
<i>Área da violência e do vandalismo</i>									
Brigar para impor opiniões pessoais	31,3	62,1	45,7	59,7	48,2	65,7	48,8	69,4	54,6
Brigar contra torcedores de outro time	67,4	88,9	80,9	89,1	86,0	92,1	87,4	92,6	86,4
Danificar bens públicos	74,3	88,5	90,7	94,7	91,5	96,2	93,6	94,5	91,2

No primeiro grupo, que poderíamos definir como o dos *integrados*, é possível reconhecer 36,6% da amostragem. O tipo se caracteriza por um baixo índice de propensão em todos os possíveis “desvios”, exceto alguns relativos à esfera das relações sexuais, que vimos serem hoje amplamente difundidos; do mesmo modo também neste âmbito as percentagens de propensão para transgredir se mantêm de maneira considerável abaixo da média geral.

Um segundo grupo, que denominamos *oportunistas*, é representado por jovens caracterizados por um sentido modesto dos deveres civis. As tendências transgressivas se direcionam todas para a área das relações econômicas (exceto o furto); quanto ao restante as atitudes que emergem são iden-

tificáveis com as do grupo precedente. Pensando bem, poderíamos considerar tais jovens como *integrados oportunistas*, cujos códigos morais coincidem com os da ética comum até que o interesse coletivo exige certos custos ao indivíduo. No conjunto, encontramos neste grupo 17,8% da amostragem.

O terceiro tipo, dos *permissivos*, surge como portador de instâncias mais articuladas. O perfil ético que daí emerge pode ser relacionado com estilos de vida permissivos que provavelmente caracterizam as tendências evolutivas da cultura juvenil moderna. Duas parecem ser as características que mais chamam a atenção. A primeira concerne à liberalidade quase unânime em relação aos comportamentos sexuais (com exceção do homossexualis-

Tabela 6
Tipologia da propensão à transgressão (15-29 anos)

	Tipologia				Total
	Integrados	Oportunistas	Permissivos	Desviantes	
<i>Área das relações econômicas</i>					
Não pagar o transporte público	20,0	86,6	71,4	93,4	57,1
Faltar ao trabalho com desculpa de doença	17,5	89,5	53,5	85,9	49,3
Pegar objetos numa loja sem pagar	1,9	5,7	6,9	81,2	10,9
Falsificar a declaração de renda	11,8	52,4	42,8	76,6	35,8
<i>Área das relações familiares e sexuais</i>					
Divorciar-se	49,4	61,1	94,0	86,9	71,5
Ter relações sexuais sem ser casados	67,9	77,0	98,7	96,9	83,4
Ter experiências homossexuais	1,8	1,4	5,9	20,8	4,8
Morar junto sem ser casados	37,1	39,1	93,4	88,3	62,7
Ter relação com uma pessoa casada	18,3	22,7	85,0	83,2	49,4
<i>Área do consumo de drogas</i>					
Embriagar-se	17,6	30,8	76,2	86,2	47,4
Fumar maconha ocasionalmente	2,9	5,0	29,7	61,4	18,1
Usar drogas pesadas (heroína)	0,4	0,9	2,7	21,3	3,0
<i>Área da vida humana</i>					
Suicidar-se	4,8	5,2	14,8	33,2	10,9
Abortar	19,2	27,6	63,2	71,8	41,5
Matar um inimigo na guerra combatendo pelo próprio país	33,8	40,5	62,0	66,8	48,2
<i>Área da violência e do vandalismo</i>					
Brigar para impor opiniões pessoais	21,2	33,0	49,3	78,7	38,5
Brigar contra torcedores de outro time	3,5	7,5	9,9	47,2	10,1
Danificar bens públicos	1,7	6,6	3,8	38,1	6,2

mo). Neste contexto, pode ser incluído também o modo diferente de considerar o aborto; se nos primeiros dois grupos as práticas abortivas eram fortemente estigmatizadas por serem ligadas à esfera da defesa da vida humana, neste terceiro grupo, elas parecem mais inerentes ao âmbito sexual, a ponto de dois terços não excluírem a possibilidade de se envolverem com elas. A segunda característica parece relacionada à cultura da *addiction*: embriagar-se ou o uso de drogas leves atingem níveis de propensão bem superiores à média da amostragem. Ao contrário, o grupo dos permissivos, que é composto por 37,6% dos entrevistados, mesmo não podendo ser definido completamente fiel quanto às normas que regulam as relações econômicas e civis, demonstra por esta área níveis de transgressão inferiores, embora consistentes, àqueles típicos do segundo grupo.

Minoritário (8,0% dos entrevistados) mas nem por isso de menor importância é o quarto grupo, que reunimos sob a definição de *desviantes*. Entre esses jovens, a propensão à transgressão é particularmente difundida e indiferenciada. Todos os *itens* propostos apresentam altos índices, mesmo para aqueles relativos a comportamentos violentos, ao roubo em lojas e à droga, a ponto de podermos definir o grupo como sob grande risco de desvio.

Na tabela 6 é apresentado o perfil típico dos quatro grupos em relação aos 18 comportamentos transgressivos utilizados.

Os tipos registrados se distribuem de modo diferente em relação às condições sociodemográficas. Isso torna mais fácil avaliar seu significado real.

Sublinhando que o sexo tem uma influência relevante, pois entre os tipos “integrados” e “oportunistas” prevalece a presença feminina e nos ou-

Tabela 7

Tipologia da propensão à transgressão por algumas condições sociodemográficas (%)

Tipologia	Total	Sexo		Idade				
		Masculino	Feminino	15-17	18-20	21-24	25-29	
Integrados	36,6	28,8	44,6	28,2	34,5	33,9	45,5	
Oportunistas	17,8	14,0	21,8	26,1	20,2	16,2	12,8	
Permissivos	37,6	46,7	28,2	31,5	38,6	41,6	37,0	
Desviantes	8,0	10,5	5,4	14,3	6,7	8,4	4,6	
	100,0	100,00	100,00	100,0	100,0	100,0	100,0	
	Segmento Social de Origem				Região			
	Superior	Funcionários	Autônomos	Operários	Noroeste	Nordeste	Centro/Ilhas	Sul
Integrados	25,6	34,7	41,5	42,7	35,5	33,0	27,4	42,3
Oportunistas	19,2	17,6	17,7	16,7	11,5	14,1	20,7	21,6
Permissivos	44,8	40,0	34,2	32,9	44,0	42,6	43,3	29,7
Desviantes	10,4	7,7	6,7	7,6	9,0	10,3	8,5	6,3
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

tros dois a masculina, adquire interesse especial a composição dos grupos segundo a idade. Sob este aspecto a maior incidência de jovens adolescentes nos tipos “oportunistas” e “desviantes” redimensiona, num certo sentido, a relevância de tais inclinações, destinadas, com o aumento da idade, a reduzir-se quantitativamente. É muito provável que haja uma incidência, por um lado, de maior consciência dos adolescentes quanto à coisa pública e, por outro lado, uma propensão acentuada para comportamentos notoriamente desviantes pode ser lida como o resultado de identidades ainda em construção que vêm na transgressão, mais teórica que real, uma modalidade de auto-afirmação.

Contudo, são as determinações geográficas que assinalam a persistência também no interior do universo juvenil de culturas diferentes. Os “integrados” atingem a densidade máxima nas regiões meridionais e a mínima nas centrais. Os jovens do centro e do sul do país encontram-se associados por sua presença marcante no grupo dos “oportunistas”. Por fim, a região meridional se distingue por uma tendência menor à permissividade, tendência que se afirma como majoritária nas outras três realidades italianas (tabela 7).

A avaliação e a propensão ao uso de drogas

A percepção social e a imagem pessoal do uso de drogas

Que o consumo de drogas seja considerado comportamento socialmente reprovado é uma convicção amplamente difundida entre os jovens, mas ao contrário não é tão difusa a crítica pessoal a tal consumo. Ou melhor, as opiniões se diferenciam de modo consistente em relação à substância psicotrópica considerada: grande tolerância para as drogas comumente chamadas de “leves”, maior rigor para as “pesadas”.

Referindo-nos a duas situações distintas, “fumar maconha ocasionalmente” e “usar drogas pesadas (heroína)”, a percentagem de jovens que considera que o uso de drogas não seja criticado de modo especial pela sociedade é muito restrita: 11,3% no primeiro caso e 2,5% no segundo. Porém, se o juízo se desloca para o nível pessoal, para exprimir a aceitação ou a recusa do uso de drogas, a atitude tolerante assume dimensões mais relevantes: 28,6% para a maconha e 7,5% para a heroína. O confronto entre estes dois juízos demonstra como os jovens são muito mais permissivos do que eles julgam ser a sociedade ao avaliar os comportamentos ligados ao consumo de estupefacientes. Dois jovens em cada

Tabela 8

A propensão ao uso de drogas (percentagem daqueles que NÃO excluem que poderia acontecer com eles)

Tipologia	Total	Sexo		Idade					
		Masculino	Feminino	15-17	18-20	21-24	25-29		
Maconha	18,0	21,8	14,1	17,9	19,0	19,8	15,9		
Heroínas	3,0	3,9	2,2	4,7	2,0	3,3	2,5		
Segmento Social de Origem									
	Superior	Funcionários	Autônomos	Operários	Camponeses				
Maconha	26,7	18,1	14,2	16,8	8,1				
Heroínas	3,1	2,6	1,8	4,2	1,7				
Amplitude comum (x 1.000)				Regiões					
	>250	50-250	20-50	<10	Noroeste	Nordeste	Centro	Sul	Ilhas
Maconha	26,1	18,3	13,0	17,0	20,6	19,3	21,7	15,2	12,9
Heroínas	5,2	1,4	2,2	3,3	2,9	2,3	3,8	3,3	2,5

grupo de 7 declaram assim o uso de drogas “leves” perfeitamente compatível com os próprios códigos morais. Tal posição é mais difusa entre os homens, entre os segmentos sociais médio-superiores e aumenta com a idade. Também as variáveis territoriais exercem uma influência significativa: a tolerância de fato atinge o máximo nas áreas metropolitanas (nos centros com mais de 250 000 habitantes, os jovens que não condenam o uso de drogas leves supera 40%) e naquelas com desenvolvimento econômico mais alto (nas regiões centro-setentrionais do país a percentagem de jovens permissivos gira ao redor de 34-37% contra o índice bem mais modesto de 19% das regiões meridionais).

A propensão ao uso de drogas

Considerar pessoalmente admissível o consumo de substâncias psicotrópicas ilegais exprime uma avaliação genérica sobre um problema social mas não implica necessariamente um envolvimento pessoal. Este aspecto foi indagado, embora de modo indireto, com uma pergunta específica: “Teria acontecido de o entrevistado haver fumado maconha ocasionalmente” ou então “usar uma droga pesada como a heroína”?

Os dados parecem bastante significativos: quase um jovem sobre 5 não exclui a experiência do consumo de drogas leves ao passo que quase 1 em cada grupo de 30 não exclui o consumo de drogas pesadas. Encontramo-nos portanto diante de um

fenômeno quantitativamente de grande relevância: mesmo com as devidas cautelas, é de fato possível estimar ao redor de 2 milhões e meio os jovens que, embora abstratamente, não se consideram completamente estranhos à cultura da droga. A idade não parece ter uma grande influência na determinação desta atitude, à diferença do sexo, da classe social e das variantes regionais. A propensão ao uso é de fato notavelmente mais acentuada entre os homens, entre os segmentos superiores, nas áreas metropolitanas e nas regiões do centro e do norte do país. Estas últimas indicações demonstram que a cultura da droga não está diretamente relacionada com fenômenos de marginalidade e de subdesenvolvimento; ao contrário, os mais expostos pareceriam aqueles grupos sociais marcados por características que poderíamos definir como privilegiadas (tabela 8).

O contato com o mundo da droga

A incidência real que o fenômeno droga pode ter como fato social e cultural entre os jovens deve contudo ser necessariamente medida em termos de “contatos” com o mundo da droga.

Um primeiro indicador importante é o conhecimento de pessoas que usam drogas. No conjunto, mais de um jovem em cada dupla conhece, nem que seja superficialmente, consumidores habituais. Mas é dos dados relativos à experiência pessoal que emerge como uma grande parte dos jovens é expos-

ta à droga de modo direto. Aqui é oportuno estabelecer, uma vez mais, uma distinção entre drogas “leves” e drogas “pesadas” pois o fenômeno se articula diversamente. Falar com alguém que consumiu haxixe ou maconha faz parte da experiência de quase 40% dos jovens entrevistados, bem como cerca de 30% viu jovens que tinham consumido há pouco (ou talvez estavam consumindo) tais tipos de drogas. Estamos ainda num nível superficial de contato onde o caráter ocasional ou involuntário do fato poderia também ter tido o seu peso. É diferente se avaliamos o contato físico com a substância ou a oportunidade concreta de consumo: 20,6% dos jovens entrevistados viu ou tocou maconha; 23,1% receberam propostas para experimentá-la.

A experiência de contato com o mundo, bem mais preocupante, da heroína ou da cocaína, é menos frequente mas em termos relativos decididamente relevante: 26,2% falaram com consumidores, 20,2% viram alguém usar tais drogas, 3,4%, dado emblemático, viu ou tocou uma dessas substâncias, 3,8% foi convidado a experimentá-las.

Tais contatos constituem por si mesmos uma “fotografia” da extensão do fenômeno, contudo se deve considerar que, com toda probabilidade, o dado quantitativo esteja subdimensionado: a delicadeza do tema faz com que muitas reticências sejam previsíveis. De qualquer modo a relevância dos dados mostra como a experiência de ocasiões de proximidade com o mundo da droga não é coisa de pequenas franjas de marginais mas sim de uma considerável minoria de jovens.

As variáveis que mostram as correlações mais significativas são o sexo, a idade, a extração social, a amplitude do município de residência e a região de origem. Se tomarmos como exemplo o indicador que mais aparece associado à contigüidade com o fenômeno — ver ou tocar qualquer tipo de droga — os homens denotam uma percentagem de “exposição” dupla em relação às mulheres. Com o aumento da idade, aumentam também as ocasiões de risco, atingindo seus níveis máximos na faixa de 21-24 anos: basta pensar que um quarto dos jovens deste grupo declara ter tido experiências de conta-

to direto com a substância, cota que se eleva a 44% se considerarmos só os homens. Entre os segmentos sociais, a maior contribuição é dada pelos jovens provenientes de famílias de classe elevada (filhos de empresários, profissionais liberais, dirigentes). Além disso, o fenômeno encontra sua maior concentração nos centros com mais de 50 000 habitantes e em particular nas grandes cidades do norte e do centro da Itália.

De que modo a proximidade com o mundo da droga influi na propensão ao consumo? Eis uma questão destinada a não produzir respostas satisfatórias. No âmbito das pesquisas extensivas usando questionários, as perguntas diretas, quando tocam esferas privadas muito delicadas, não conseguem quantificar de modo confiável um determinado fenômeno. Igualmente a pesquisa oferece alguns elementos de reflexão. Dentre os entrevistados, 9,5% declara ter sentido o desejo ou a curiosidade de provar haxixe ou maconha, e já vimos no parágrafo anterior que 18% não exclui que isso poderia acontecer. Se deslocamos a atenção para as drogas pesadas, 3,4% sentiu pelo menos uma vez o desejo ou a curiosidade de experimentar heroína ou cocaína e uma percentagem quase idêntica (3%) não exclui que isso poderia acontecer. Trata-se de dados que, mesmo que não fossem, como na realidade são, subdimensionados, seriam consistentes por si mesmos (tabela 9).

Um “trend” em alta

O cotejo entre os levantamentos da primeira e da segunda pesquisas nacionais do IARD sobre a condição juvenil tinha evidenciado quanto o fenômeno “vizinhança com o mundo da droga” estava diminuindo. Na terceira pesquisa, a tendência não apenas se inverteu, mas todos os indicadores mais significativos utilizados alcançaram e superaram o nível, já alto, de 1983-84.

Analisemos brevemente os dados: a convicção de que o consumo de substâncias psicotrópicas ilegais seja condenado pela maioria das pessoas mostra um *trend* divergente conforme o tipo de droga. Em relação às revelações precedentes surge o dado

Tabela 9
Contatos com o mundo das drogas (qualquer tipo) por segmento social de origem (%)

	No conjunto	Segmento social de origem				
		Superior	Funcionários	Autônomos	Operários	Camponeses
Aconteceu com você:						
Falar com alguém que tenha usado drogas ao menos uma vez	56,5	70,7	56,6	54,8	53,9	34,5
Conhecer pessoas que usam droga regularmente	54,4	63,9	56,3	52,0	51,4	39,7
Ver alguém que havia acabado de consumir droga	43,0	54,3	46,4	43,9	34,9	29,9
Receber convites para provar (ou comprar) qualquer tipo de droga	26,0	37,3	26,9	22,4	21,6	19,5
Ver ou provar qualquer tipo de droga	22,8	32,6	23,1	20,7	18,6	18,4

Tabela 10
Variações no tempo da percepção das normas sociais (percentagem dos que consideram NÃO criticáveis pela sociedade os comportamentos ligados ao consumo de drogas)

	1983	1987	1992
Maconha	9,6	8,7	11,2
Heroína	4,5	3,5	2,5

Tabela 11
Variação no tempo da avaliação pessoal sobre o uso de drogas (percentagem dos que consideram admissíveis comportamentos ligados ao consumo de drogas)

	1983	1987	1992
Maconha	26,9	20,8	27,6
Heroína	8,8	6,7	7,7

Tabela 12
Variação no tempo da propensão ao uso de drogas (percentagem dos que NÃO excluem que poderia acontecer com eles)

	1983	1987	1992
Maconha	18,4	14,6	19,1
Heroína	5,7	3,8	3,3

de que os jovens de hoje, talvez por causa das recentes e reiteradas campanhas sociais visando combater sobretudo o uso da heroína, tenham em seu conjunto a imagem de uma sociedade mais decidida a combater as drogas pesadas, porém mais tolerante quanto às leves (tabela 10).

Deslocando a análise para as regras de conduta individual, as declarações de aceitação do uso de estupefacientes como a maconha registram um aumento em toda a linha; é diferente no que concerne à heroína

que, embora em alta comparando-se com 1987, ainda não atingiu os níveis de 1983 (tabela 11).

A propensão explícita ao consumo de drogas, ou melhor, a não negação decidida de que a experiência de provar drogas possa ocorrer, mostra igualmente maior abertura às drogas leves que contrasta com um juízo mais severo em relação às pesadas. Portanto, o fenômeno é interessante pois transparece, ao menos nas opiniões e nas crenças dos jovens, uma tendência a distinguir e diferenciar os

Tabela 13
Variação no tempo dos indicadores de contato com o mundo das drogas (%)

	1983	1987	1992
Aconteceu com você:			
Falar com alguém que tenha usado drogas ao menos uma vez	54,8	46,8	56,6
Conhecer pessoas que utilizam droga regularmente	39,3	32,8	54,9
Ver alguém que havia acabado de consumir alguma droga	44,7	39,1	43,7
Receber convites para provar (ou comprar) qualquer tipo de droga	21,1	nr	24,9
Ver or provar qualquer tipo de droga	20,4	10,8	22,6
Sentir desejo (ocuriosidade) de provar alguma droga	7,8	4,5	10,7

efeitos das substâncias estupefacientes (tabela 12).

Os dados objetivos de exposição à droga estão em franco aumento. Conhecer jovens que delas se utilizam faz parte da experiência de mais da metade dos entrevistados, quando em 1987, dizia respeito só a um terço deles; o contato físico com uma substância estupefaciente mais que dobrou, como também a confissão de ter vontade (ou só a curiosidade) de experimentá-la. Já vimos como tais resultados se aplicam sobretudo às drogas leves mas a consistência do fenômeno, mensurado em sua evolução quantitativa, é sem dúvida muito preocupante (tabela 13).

A última questão relacionada às drogas estava centrada nas opiniões dos jovens quanto a uma eventual legalização futura do uso dos estupefacientes. Os contrários superam de modo bem nítido os favoráveis; contudo, estes últimos atingem cerca de um terço dos jovens. As características sócio-identitárias dos jovens que se declaram favoráveis à descriminação do consumo de drogas não são especialmente nítidas, embora se destaquem os homens, os mais velhos, os moradores das grandes cidades. Obviamente, tal opinião resulta mais frequente entre os que constatamos serem os mais próximos a comportamentos contíguos à cultura da droga; por exemplo, entre os que tiveram contato com uma substância estupefaciente, os favoráveis à legalização sobem para 43,3%.

Conclusões

O quadro geral resultante confirma assim algumas tendências que foram se consolidando na última década.

Se, no conjunto, os jovens parecem portadores de uma moral que se distancia progressivamente dos valores tradicionais, no específico, é nas atitudes e nos comportamentos quanto ao uso de substâncias psicotrópicas que estão se difundindo novos modelos culturais.

O caráter de “desvio” ligado à proximidade com o mundo da droga é posto em discussão tanto de um ponto de vista quantitativo (percentagens muito elevadas de jovens são envolvidos nele com intensidade variável) quanto qualitativo (o “perfil” social do jovem envolvido parece amplamente indiferenciado).

Portanto, não parece existir nenhum critério previsível que induza relações significativas entre predisposição para o consumo e características sócio-econômicas dos entrevistados; a proximidade com a droga se propõe de fato como um fenômeno indiferenciado aberto à experiência de qualquer jovem. O uso — ocasional — de drogas se torna assim completamente desligado de condições de desvantagem e de marginalidade, para se tornar uma experiência “normal” de grandes grupos de jovens.

Numerosos sinais indicam quanto o problema social da droga deva ser explicado em termos culturais; certamente, um papel não irrelevante é representado por alguns elementos que caracterizam o universo juvenil: a percepção da reversibilidade dos percursos existenciais, aí incluindo os de caráter transgressivo; a tendência a antever canais de dupla moralidade conforme os âmbitos de experiências vividas contingentemente; a projeção no presente como produto natural de uma lábil projeção futura.